Ano 28.º — Sábado, 26 de Outubro de 1935 — N.º 1394

O DEMOCRATA

(AVENÇADO)

Semanário Republicano de Aveiro

Redacção e Administração
RUA MIGUEL BOMBARDA, 21

Composição e impressão
Tipografia Lusitania
Rua Eça de Queirós, n.º 3-AVEIRO

Director e Proprietário
Arnaldo Ribeiro

Editor e administrador
Manuel Alves Ribeiro

Toda a correspondência deve ser dirigida ao director

Representação exclusiva de publicidade para Lisboa e Pôrto—Agencia Havas

Vida nova

—o—

Em matéria de contratos colectivos de trabalho tem uma importância muito particular o artigo 34.º do Estatuto do Trabalho Nacional, que pássâmos a transcrever:

«Os contractos colectivos conterão obrigatoriamente normas relativas ao horário e disciplina do trabalho, salário ou ordenado, sancções por infracção dos regulamentos, faltas regulamentares, descanso semanal, férias, condições de suspensão ou perda de emprego, período de garantia dêste em caso de doença, licença para serviço militar, tempo de aprendizagem ou de estágio para o pessoal entrado de novo e cotas de comparticipação das entidades patronais e dos empregados ou assalariados nas organizações sindicais de previdência.»

Como desta simples leitura se verifica, existe um completo abismo entre o regime que o Estatuto do Trabalho Nacional prescreve e o sistema ainda hoje geralmente em vigor das convenções individuais entre operários e patrões que são a herança e o testemunho de uma época em que o liberalismo económico absurdamente instalára a anarquia no domínio das relações profissionais.

E não vem para aqui debater uma vez mais o problema fundamental de preferências que não póde deixar de se conceder ao novo regime que a nossa organização corporativa consagra como uma das mais importantes *ètapes* no sentido de realização de um mínimo de equilíbrio e de justiça social, pela substituïção de convenções colectivas em que as vontades se pódem exprimir livremente às simples convenções individuais em que uma das partes, a mais desprotegida, não podia ter a insólita pretensão de repudiar as condições que eram impostas à sua dura necessidade, por mais desumanas e injustas que elas se lhe pudessem deparar.

Não é agora êsse o aspecto que primacialmente nos interessa e que pretendemos salientar.

O que do artigo 34.º do Estatuto ressalta, com singular evidência, é o aspecto absolutamente novo do conteúdo dos contractos de trabalho.

No regime anterior nada se previa e nada se pactuava, afinal, àlém da retribuïção dos serviços prestados.

Está-se a vêr como seria recebido o operário que, pedindo colocação numa fábrica, se lembrasse de preguntar pelas garantias e regalias da natureza daquelas que têm de ser previstas nos instrumentos de convenção colectiva.

As únicas garantias que tinha eram, como o descanso semanal, mesmo assim quantas vezes e quantas vezes iludido, as que resultavam, pura e simplesmente, de disposições legais de carácter geral que muitas vezes não atendiam nem podiam atender às circunstâncias especiais e ao especial condicionalismo duma multidão de actividades económicas.

Bem se pode dizer que o contracto colectivo restitue o operário à plena dignidade de pessôa humana.

O trabalho deixa de ser uma mercadoria que se aluga para reassumir o seu verdadeiro carácter de cooperação social.

O operário deixa de ser uma peça complementar da maquinaria para ser considerado nas justas exigências da sua personalidade e nas efectivas necessidades suas e dos seus.

Tendo de conter, obrigatòriamente, prescrições relativas ao horário e disciplina do trabalho, às férias e ao descanso semanal, à garantia do direito ao emprêgo, à aprendizagem, à previdência social, a tudo, enfim, o que há de essencial no regime do trabalho — os contratos colectivos celebrados entre os grémios e os sindicatos nacionais renovam por completo a mecânica das actividades económicas, lançando os alicerces duma era nova de paz e de justiça social.

Efemérides

26 de Outubro

1839 — Nasce em Pedrogam Grande o dr. Jacinto Nunes que se evidenciou na propaganda da Republica.

1869 — Nasce em Mourão o professor Agostinho Fortes, outro republicano de valor intrinseco.

Um denunciante é o peor dos homens.

(Clasificação do *grande panfletário e eminente jornalista.*)

A água

Não é só em Aveiro que, por ainda a não ter canalizada, ela falta ou, por outra, tem faltado. Em toda a parte se dá o mesmo, obrigando-se, até, a Companhia das Aguas, na capital, a fechar o consumo desde as 19 às 7 horas do dia seguinte, isto enquanto o Pai do Céu não mandar chuva com abundância.

Mas o *grande panfletário* e *eminente jornalista*, colega amigo do *vigilante das capoeiras de Cacia*, assim como êste, não querem saber de desgraças: a Câmara de Aveiro é que tem culpa de na cidade escassear a água!

E pronto. Agarrem-lhe lá pela outra ponta se são capazes...

O TEMPO

—o—

Tivemos esta semana rijas e frias nortadas. Mas a respeito de chuva, nada. Apenas uns orvalhos.

E se o sr. bispo mandasse fazer preces?

Arte Portuguesa

—o—

Do sr. Nuno Catarino Cardoso, chefe da Repartição Central do Ministério da Agricultura e apreciável publicista, recebemos os seus dois recentes trabalhos sobre *Museus Portugueses* e *Pelourinhos do Minho e Douro* em que revela profundo conhecimento dos assuntos neles versados.

Agradecemos ao sr. Nuno Cardoso, que é oriundo duma família das cercanias de Aveiro, o mimo da sua oferta, muito estimando que as entidades e o público premeiem, como merece, o esforço que vem dispendendo em prol da arte portuguêsa.

IMPRENSA

« CINE-JORNAL »

Com êste título iniciou a sua publicação em Lisboa uma nova revista cinematográfica, de leitura interessante e aspecto gráfico que não desmerece das suas congéneres estrangeiras, antes pelo contrário. Em todas as páginas, 16, insere também nítidas gravuras, vendo-se que o seu director, sr. Fernando Fragoso, sabe o que faz e o que quere.

Muito estimamos se possa manter e, subordinada ao programa com que se apresenta, alcance os fins que tem em vista.

Sai às segundas-feiras.

Flôres de outono

—o—

Começaram a aparecer os crisântemos, que são, como é sabido, as flôres tristes do Outono.

Nos quintais, nos jardins e principalmente no famoso Parque da Cidade, já vimos exemplares de rara belêsa e tão variados que parece incrível como se possam conseguir colecções assim. Eram dignas duma exposição, pois fazem honra a quem hoje dirige os serviços de jardinagem, mostrando dêles vastos conhecimentos em tudo quanto lhes diz respeito.

A cultura do trigo

Publicámos no último número o decreto sobre a regulamentação a que fica sugeita, no corrente ano, a cultura do trigo. Esse decreto veio precedido dum extenso relatório em que se explicam, com toda a clarêsa, as causas que o determinou depois de focar os vários aspectos do problema, para se chegar à seguinte conclusão: é necessário enveredar pelo caminho das restrições de sementeira, a-pesar-da dificuldade em definir uma regra que a todos se impônha pelo seu princípio de justiça e das dificuldades naturais da sua execução. Isto por ser indispensável que o mercado de trigos e de farinhas não seja perturbado pelo consumo de trigos de 1935 antes de esgotados os de 1934 e à margem da lei.

Da lavoura do trigo espera, pois, o Govêrno que compreenda a dura necessidade das medidas decretadas, as cumpra de bôa vontade e que tenha por contrário aos seus interêsses e aos interêsses gerais tudo aquilo que represente um desvio da disciplina geral.

Nada mais justo.

NÓS E A IMPRENSA

Além do grande número de amigos e assinantes que nos têm felicitado por não termos de cumprir na cadeia a pena a que fômos condenados por delito de imprensa, vieram também ao nosso encontro alguns colegas da imprensa com palavras desvanecedoras, que pedimos licença para registar ao mesmo tempo que as agradecemos penhoradíssimosi

Assim, escreve *O Ilhavense*, al. do próximo concelho de Ilhavo onde tanto se tem nobilitado pelas suas campanhas em prol da terra dos navegantes:

ARNALDO RIBEIRO

O intemerato director do nosso colega de Aveiro—*O Democrata*—já não vai para a cadeia.

Esta notícia alegrou-nos imenso, pois éramos, dentre tantos amigos seus, um dos que menos se conformavam com a pena de prisão a que Arnaldo Ribeiro fôra condenado por uma questão de imprensa.

O sr. Ministro da Justiça, no dia do aniversário da Rèpública, pela qual o director do *Democrata* se bateu arrojadamente, quis dar ao nosso amigo a consolação de lhe comutar a pena em multa de igual tempo a 5$00 por dia

E' mais um rombo na algibeira do Arnaldo. Mas, ao menos, não foi privado do ar da liberdade.

Um grande abraço de parabens.

Do *Correio da Feira*, da Vila da Feira:

COMUTAÇÃO DE PENA

Ao nosso colega de Aveiro, sr. Arnaldo Ribeiro, director e proprietário de *O Democrata*, foi por ocasião do aniversário da Rèpública comutada a pena de 4 mêses de prisão em que fôra há tempos condenado no tribunal daquela cidade por delito de imprensa. A prisão foi substituida por multa.

Foi um acto nobre do titular da pasta da Justiça, pelo que daqui felicitamos o beneficiado e nosso presado colega, sr. Arnaldo Ribeiro.

Do *Ecos de Cacia*:

ARNALDO RIBEIRO

O sr. ministro da Justiça, por ocasião do aniversário da proclamação da Rèpública, assinou a comutação da pena de 4 mêses de prisão em que fôra condenado por delito da imprensa, o velho jornalista de Aveiro sr. Arnaldo Ribeiro, ilustre director do semanário rèpúblicano *O Democrata*, substituindo-a por igual tempo de multa á razão de 5$00 diários.

Felicitando o sr. Arnaldo Ribeiro por se encontrar livre da cadeia, oxalá que a sua pena brilhante continue a zurzir os maus e os desonestos.

Do *Eco dos Olivais*, de Coimbra:

MERECIDO INDULTO

O sr. Minístro da Justiça indultou, e muito bem, o sr. Arnaldo Ribeiro, director de *O Democrata*, de Aveiro, substituindo a pena de quatro meses de prisão em que aquêle senhor fôra condenado, por delito de liberdade de imprensa, por igual tempo de multa á razão de 5$00 por dia.

Tal facto bastante nos alegrou, tanto mais por se tratar de um jornalista processado por outro jornalista—ambos êles, afinal, com as mesmas armas para combater!

Sim, as armas são as mesmas—os processos de combater é que podem ser diferentes!...

De *O Desforço*, de Fafe:

ARNALDO RIBEIRO

A este nosso velho e presado amigo, ilustre director de *O Democrata*, endereçamos as nossas vivas saudações por lhe ter sido comutada a pena de prisão a que fôra condenado por delito de imprensa.

DIANTE DO MAGNO PROBLEMA DA AGUA

Falar è fácil, o pior é o resto...

Na Câmara Municipal e dirigidos ao seu activo presidente pelo sr. engenheiro Ricardo Teixeira Duarte, deram esta semana entrada os seguintes documentos:

Lisboa, 19 de Outubro de 1935.

Ex.mo Senhor Presidente da Comissão Administrativa da Câmara Municipal de

AVEIRO

Ex.mo Senhor:

Satisfazendo os pedidos insistentes de V. Ex.ª, venho expôr as dificuldades que encontro no estudo do problema de abastecimento de água à cidade de Aveiro.

Peço desculpa a V. Ex.ª do desgosto que involuntàriamente lhe tenho dado com a demora na resolução do assunto que acima de tudo o preocupa no seu zêlo pelos interêsses da cidade, pedido êste que estendo, na pessoa de V. Ex.ª a todos os munícipes.

Sinto sôbre mim a responsabilidade de não estar já em andamento tão fundamental problema para a cidade, embora tivessem sido causa da demora circunstâncias imprevistas da minha vida profissional e estado de doença. Contudo, o povo de Aveiro que certamente é injusto para com V. Ex.ª por não conhecer os esforços e a ansiedade com que V. Ex.ª procura dotar a cidade de água, sem perder a oportunidade que se apresenta, será injusto comigo se não pensar que eu não só luto com deficiências pessoais, que póde não me perdoar, mas também com a dificuldade natural do problema.

Para que V. Ex.ª fique orientado e, se V. Ex.ª não achar preferível confiar o estado do problema a outro engenheiro que, mais rapidamente que eu e com mais competência, satisfaça os seus desejos de habilitar a Câmara com um projecto de abastecimento de água, devo dizer que me encontro liberto de certos compromissos que me absorviam e tenho agora alguns colaboradores que me permitirão oferecer a V. Ex.ª mais do que a bôa vontade com que tem contado até aqui.

Nesta hipótese é melhor fazer-se um novo contracto em harmonia com o caminho que se resolver seguir e com as garantias que V. Ex.ª julgue necessário exigir, nas quais, expontaneamente, eu incluirei o compromisso de entregar o estudo tal como estiver, sem nada receber de honorários, (mas sim apenas as despêsas feitas), no caso de não poder continuar por doença, ou por se verificar que haja atraso na sua elaboração, relativamente ao praso que se marcar.

Estas sugestões não implicam o mais leve ressentimento, se V. Ex.ª optar desde já por confiar o problema a qualquer colega meu.

Junto encontrará V. Ex.ª a exposição dos factos e o que penso sôbre o caminho a seguir para se encontrar a solução mais económica e que satisfaça as necessidades actuais e futuras.

Com a maior consideração, sou

De V. Ex.ª
At.º Ven.or e Obg.º

a) Ricardo E. Teixeira Duarte
Engenheiro civil

RELATORIO

Quando tomei sôbre mim o encargo de elaborar o projecto de abastecimento de água a Aveiro julgava-se satisfatória a solução de captagem de água do planalto das Quintans, junto da estação, e na Quinta do Picado, àlém do melhoramento das actuais captagens da Fôrça e S. Bernardo. Êsses mananciais têm cota suficiente para servir a cidade pela simples gravidade, o que as recomendava essencialmente; e ofereciam muitas probabilidades de produzirem o caudal necessário depois de executadas captagens perfeitas e completas.

Nesta suposição se calculou o praso necessário para fazer o projecto.

Começados os estudos, depois de embaraços da minha parte que os demoraram, surgiram dúvidas quanto à viabilidade económica (e mesmo política) da execução das captagens no planalto das Quintans, com o desenvolvimento necessário e com as zonas de protecção que as condições hidrogeológicas impunham.

Adiante reproduzo a justificação das dúvidas que apresentei em tempo oportuno e da qual resultou ter a Comissão Administrativa da digna presidência de V. Ex.ª resolvido suspender a execução do projecto, como não podia deixar de ser, para se proceder a novos estudos prévios, visto ter de ser posta de parte a orientação em que se baseava o contracto.

Antes de seguir os meus raciocínios, convém recordar o valioso relatório do Ex.mo Sr. professor Fleury, que põe o problema no seu aspecto genérico, deixando apenas transparecer uma certa simpatia pelas captagens do planalto, mas simplesmente pelo receio de fracasso de um furo arteziano de 180 metros e depois de supôr posta de parte a captação das águas da Gafanha por relutância em adoptar a bombagem a distância.

Permito-me resumir as considerações do trabalho do Sr. professor Fleury da seguinte fórma:

Quanto à geologia geral — O cretássico superior do planalto das Quintans faz o enchimento do centro da bacia de Aveiro. Nas orlas aflora o Triássico, Jurássico e Cretássico médio (Belasiano e Turoniano). Nas zonas baixas está o Senoniano coberto pelas aluviões ou dunas. Os afloramentos das séries profundas são bastante irregulares o que póde indicar acidentes teutónicos que pódem dividir ou reduzir a bacía de Aveiro.

Quanto à hidrologia geral — Três hipóteses: a Ria, o Planalto e o «Bed-Rock», das quais a primeira apresenta dois aspectos: delta do Vouga e dunas da Gafanha.

As baixas da Ria, perto da cidade e o delta do Vouga têm aluviões em que predominam os lodos, com águas pouco abundantes e sujeitas a infiltrações de águas do mar ou das águas industriais do rio Vouga. Nas dunas da Gafanha há, certamente, na sua base, águas abundantes de bôa qualidade com o inconveniente de estarem a uma cóta baixa e longe da cidade.

O planalto tem toalhas aqüíferas superficiais que alimentam numerosos poços ou nascentes na Fôrca, S. Bernardo, Estação das Quintans e Quinta do Picado, das quais são aproveitáveis às duas últimas com zonas de protecção ou com tratamento.

As zonas profundas devem ter águas artezianas entre os 100 e 180 metros de profundidade, provavelmente bastante mineralizadas, o que não significa que não seja aconselhável à sua pesquiza.

Sôbre a última hipótese, que representaria a solução mais simples e económica do problema, diz o relatório textualmente o seguinte:

. . . .

«As séries superiores do Senoniano não têm águas artezianas, pois que afloram nas orlas do planalto das Quintans. Segundo um furo aberto numa das barreiras dos arredores da cidade, as séries inferiores não teriam água, mas parece imprudente tirar uma conclusão desta experiência.

O cretássico médio, com o Belasiano e o Turoniano, que existe por baixo do Senoniano, têm diversas séries impermeáveis (argilosas ou marnosas), é certo, mas também outras calcárias ou gresosas, mais permeáveis.

Uma sondagem prevista para atingir a profundidade máxima de 180 metros com o diâmetro final útil (na tubagem) de 4" ou mesmo 5" não deixaria de apresentar dúvidas sôbre a qualidade e a fôrça repuxante das águas, mas póde ser, contudo, aconselhada. Deveria ser feita nos arredores da cidade, na cóta mais baixa possível.

As águas poderiam ser encontradas entre 50 e 80 metros de profundidade ou por baixo de 110 m. Convém, porém, prevêr uma profundidade máxima possível de 180 m.»

. . . .

O lençol aqüífero da base das dunas da Gafanha não é considerado interessante, unicamente pela razão de exigir bombagem e estar longe da cidade.

As águas são, na opinião do sr. professor Fleury, muito abundantes e de bôa qualidade, sobretudo a montante do limite das marés.

Ninguem faz mais justiça ao sr. dr. Lourenço Peixinho do que nós. Ninguem lhe tem dado nem dará mais aplausos pelo seu zelo, pela sua actividade, pela sua abnegação e inteligencia, pelo seu amor ás coisas locais.

(Do órgão do *grande panfletário e eminente jornalista*, colega do *vigilante das capoeiras de Cacia.*)

Vapor de pesca

—o—

Na quinta-feira foi assinado o contrato com uma casa dinamarquêsa para a construção de um vapor com que a Empresa de Pesca Aveirense, L.ª vai aumentar nossa frota bacalhoeira.

Deve aqui chegar em junho do proximo ano.

A conclusão final é a seguinte:

. . . .

«As águas das zonas da Estação das Quintans e da Quinta do Picado são as mais fàcilmente aproveitáveis e são abundantes, sobretudo nos dois vales da Quinta do Picado. O seu aproveitamento, que poderá ser feito por *étapes*, exigirá captagens suficientemente desenvolvidas, feitas por drenagem subterrânea, canalizações novas e, pelo menos em alguns pontos, zonas de protecção ou um tratamento conveniente das águas.»

Estudo prévio da hipótese mais favorável — As minhas primeiras observações, seguindo o caminho traçado pelas conclusões do citado relatório, incidiram primeiro que tudo, nos pontos duvidosos para que o sr. professor Fleury chamava a atenção:

1.º—Possibilidade de captagens suficientemente desenvolvidas.

2.º—Viabilidade das zonas de protecção.

O caudal que é necessário reünir para abastecer Aveiro tem de ser superior a 1.200 metros cúbicos por dia, para o estado actual da cidade e é necessário prevêr o seu desenvolvimento futuro.

A avaliação dos caudais de estiagem nos vales da Estação das Quintans e da Quinta do Picado demonstrou a necessidade de captagens completas para se reünir aquêle caudal mínimo. Numa grande área em volta da orígem dos vales, todos os poços ficariam sêcos. A água deixaria de brotar nos barrancos em que inúmeras lavadeiras exercem a sua actividade. As regueiras que hoje vêm correndo pelos vales, à beira de zonas muito povoadas, utilizadas em agricultura intensa e produtiva e em moinhos, deixariam de ter água.

Assim a primeira dúvida torna-se em certeza de uma grave dificuldade. Uma zona bastante habitada ficaria privada da orígem principal dos seus recursos.

Não há, pois, possibilidade prática de dar suficiente desenvolvimento às captagens do Planalto das Quintans, mesmo sem contar com reservas. Teríamos de nos contentar com o que pudesse captar-se nos locais menos habitados e cultivados.

A segunda dúvida não é menos embaraçosa. As dificuldades de protecção de um lençol aqüífero tão superficial como é aquêle, numa região cultivada, restringe imenso aquilo que se poderia aproveitar sem expropriações caríssimas e sem más conseqüências sociais.

Vistas, portanto, as realidades nos pormenores das suas conseqüências práticas, conclue-se que as águas do Planalto das Quintans não pódem ser inteiramente derivadas para Aveiro e, mesmo que o fôssem, não resolveriam, de futuro, o problema.

Orientação a seguir—A dificuldade do projecto de abastecimento de água a Aveiro torna-se evidente.

A água das dunas da Gafanha é o recurso que se oferece mais lógico e mais próximo, mas com pontos de interrogação:—Água cloretada ou de mineralização excessivamente baixa?—Dificuldades de captação?—Dificuldades de trajecto?

O recurso às águas do sub-solo profundo, que seria de enorme vantagem, só é admitido com reservas pelo sr. professor Fleury, em vista da disposição das camadas geológicas.

Há que analisar ainda hipóteses de mananciais mais afastados para que o problema fique completamente em eqüação.

Para se chegar a conclusões precisas impõe-se a execução de trabalhos de pesquisa como os que já se fizeram no vale de Santiago e junto do lavadouro.

Estes destinaram-se a determinar a disposição das aluviões e das camadas geológicas junto da cidade.

Seria necessário determinar, agora, a natureza e disposição das aluviões nalguns pontos da Ria, aproveitando os esclarecimentos que possúo de sondagens geológicas na ponte da Gafanha. Deve-se investigar a natureza da bâse das Dunas e colhêr amostras do seu lençol aqüífero.

É indispensável pedir a confrontação dos resultados geológicos da sondagem feita em tempos na Fábrica da Lixa e da que se fez agora no vale de Santiago, com os estudos do sr. professor Fleury, ou obter-se por outra fórma uma avaliação mais aproximada das probabilidades de êxito da captagem de águas profundas.

Sem êsses elementos é difícil fazer uma escôlha judiciosa do manancial que deve abastecer Aveiro de água potável.

Quer dizer: o problema, que de há muito vem sendo estudado, oferece uma grande dificuldade de solução como claramente se infere do relatório do sr. engenheiro Ricardo Teixeira. Já não é só uma questão de dinheiro: é também a escassês de água em quantidade suficiente para os fins que se teem em vista. Mas há gente que tudo resolve, dum momento para o outro, com... a língua.

Está-se a vêr: água, esgôtos, mercado, matadouro, pavimento das ruas, iluminação... Tudo muito bonito, mas o peor é que não vindo o dr. Lourenço Peixinho da escola dos que tudo resolvem com a língua, ainda não poude conseguir a satisfação dos seus desejos pelo simples facto de nada se construir com palavras e muito menos com saliva...

Que os críticos e os que sistemàticamente atacam a Comissão Administrativa da Câmara assentem todos nisto...

Fôgo no Convento de Arouca

Ficou destruida a parte menos importante

O convento de Arouca é dos mais antigos do país, não se sabendo, ao certo, a data da fundação. Sabe-se apenas que dois fidalgos de Moloy, de nome Loderigo ou Frederico, e Wandílio ou Vandílio, o mandáram construír, no tempo dos godos, antes de 716, e, reservando para si o direito de padroado, o doaram aos monges, com a obrigação de rezarem pela alma dos donatários e dos seus antepassados.

Em 7 de Setembro de 951, D. Anour e sua mulher D. Eleva, senhores do Vale de Arouca, doaram o mosteiro a um abade de nome Hermenegildo. Pouco tempo depois, os muçulmanos invadiram o Vale de Arouca, cujos campos talaram, incendiando as searas e as casas e passando a fio de espada quantos encontraram. A vila foi, então, abandonada e reedificada, mais tarde, com o convento. Junto dêste, mandou D. Eleva, então, viúva, edificar um recolhimento de *beatas* que foi, depois, encorporado no mosteiro.

O convento de Arouca, sob a invocação dos apóstolos S. Pedro e S. Paulo e dos mártires S. Cosme e S. Damião, regia-se pela regra de S. Bento e era mixto, isto é, de frades e freiras. Segundo fr. Bernardo de Brito, em conseqüência dos monges se haverem relaxado, foram expulsos do mosteiro, onde ficaram apenas as monjas. Estas seguiram, porém, a vida escandalosa dos frades, pelo que, D. Mafalda, divorciada do rei de Castela, filha de D. Sancho I de Portugal e irmã das rainhas D. Teresa e D. Sancha, se decidiu, em 1220, a tomar conta do convento, que mandou restaurar e ampliar e dotou de paramentos e alfaias que ali faltavam. D. Mafalda, que séculos depois veio a ser canonizada pelo Papa Pio VI, viveu nêste mosteiro durante cêrca de setenta anos, e nêle morreu com perto de noventa. Os seus restos mortais encontram-se num sarcofago de pau santo, com guarnições de prata, num dos altares do convento.

No mesmo mosteiro viveu também a filha de D. Afonso II, sujeita ao mesmo rigor da regra beneditina, que obrigava as religiosas internadas a dormirem sôbre uma cortiça, vestidas com os próprios vestidos, que só de ano a ano mudavam, e com as carnes cingidas por um cilício que fazia derramar sangue.

Foi aqui foreira D. Tóda Maria Coutinho, filha de D. Gastão Coutinho e D. Filipa de Sousa, que viveu em três séculos diferentes e foi contemporânea de sete reinados, pois nasceu em 1597 e morreu em 1720.

No século XVI ardeu o convento, salvando-se apenas a igreja, a enfermaria e pouco mais. Não tardou a ser reedificado, ficando muito mais amplo e luxuoso que anteriormente. O edifício tinha quatro séculos e, arquitectonicamente, era da ordem italico-clássica.

Pois foi êste convento, dos mais sumptuosos de Portugal, que no passado domingo um novo incêndio fez destruíndo por a maior parte do edifício estar convertida em bairro operário! Felizmente, porém, só aqui o fogo fez estragos, desvastoa, salvando-se, portanto, tudo o mais que representa valor, riquêsa, arte.

Do mal o menos.

Necrologia

Dr.ª Maria Valente

A circunstancia de termos o jornal quási pronto a semana passada obrigou-nos a deixar para este numero algumas notas sobre o funeral da inditosa aveirense, cuja morte, como dissèmos, consternou extraordinariamente seus carinhosos pais.

DR.ª MARIA VALENTE

A sr.ª dr.ª Maria Valente, que, desde a escola primaria aos bancos da velha Universidade de Coimbra, se distinguiu pela sua inteligencia e amor aos livros, teve um enterro assaz concorrido, incorporando-se nêle um grupo de senhoras conduzindo flôres, a academia com o seu estandarte, professorado e muitas outras pessoas a quem o seu prematuro desaparecimento compungiu.

Durante o percurso, desde a sua residencia, no bairro piscatório, até o cemiterio central, onde para sempre ficou dormindo o eterno sono, organisaram-se diversos turnos, tendo conduzido a chave da urna o estudante de medicina Antonio Pacheco Nobre, a quem a morte da eleita do seu coração bastante comoveu.

E assim se disfizeram, num momento, os sonhos duma mocidade radiosa, que tinha direito a viver se a vida não fosse tão cheia de ilusões e imprevistos.

* * *

No bairro piscatório finou-se no último sábado, João de Pinho das Neves, de 77 anos, deixando alguns filhos, entre os quais Maria da Luz Pinho, a quem uma terrível enfermidade torturava a existência e de que veio também a falecer, no dia seguinte, precisamente á hora em que o pai se despediu da vida. Esta desaparece em plena juventude—21 anos—o que torna ainda mais triste o infortúnio.

O duplo desenlace causou, como é de calcular, profunda emoção naquêle bairro, aonde eram estimados.

* * *

Na noite de domingo morreu repentinamente, Luís Baptista dos Santos, antigo contínuo do *Sport Club Beira-Mar* e cobrador de várias associaçõ s.

Contava 47 anos, ficando do seu matrimónio a viúva e três filhos.

* * *

Faleceram mais: nesta cidade, D. Maria da Guarda Freitas, de 88 anos, viuva de Augusto Freitas; em *Aradas*, Manuel da Silva, solteiro, de 82 anos e em *Taboetra*, Adelino Nunes Guiomar, casado, de 51 anos.

Farmacia da Avenida

—o—

Assumiu a gerencia deste estabelecimento o sr. Franklin da Costa Leite, com larga pratica adquirida nas melhores farmacias do pais e que nesta cidade fôra o fundador da *Farmacia Moderna*.

A *Farmacia da Avenida* encontra-se agora completamente remodelada, adquiriu um bom sortido de especialidades tanto nacionais como estrangeiras e a secção de perfumarias rivaliva com o que de melhor exista na cidade.

Apetecemos ao seu proprietário, sr. Franklin Leite as maiores prosperidades.

Companhia Aveirense de Moagens

=o=

Os Conselhos de Administração e Fiscal desta Companhia, depois de apreciarem as propostas apresentadas pelos candidatos ao logar de guarda-livros anunciado neste e noutros jornais, resolveram, segundo ouvimos, aceitar a proposta apresentada por um membro do Conselho Fiscal, indicando o sr. Alberto Casimiro da Silva, professor primário, que nunca foi guarda-livros, mas é genro, como o seu falecido antecessor, do director sr. Albino Pinto de Miranda.

Este caso tem dado origem a comentários por o logar, afinal, vir a ser preenchido por quem a êle não concorreu.

Coisas da vida...

PRISÃO DE VENTRE DURANTE 30 ANOS

Dificil procura de um remédio

Encontrou por fim o Kruschen

Os remédios que esta senhora adquiriu para tratar da sua prisão de ventre apenas lhe deram alívios temporários. Tendo finalmente encontrado no Kruschen o único eficaz. Escreve-nos ela:

«Durante mais de 30 anos fui vítima da prisão de ventre agúda. Durante êsse espaço de tempo experimentei praticamente todos os medicamentos que era possível e gastei libras sôbre libras, para conseguir a cura. Como prisão de ventre crónica os efeitos dos remédios não íam além de um ou dois dias — depois do que ficava na mesma. Há três mêses comecei a tomar os Sáis Kruschen e todas as manhãs é a primeira coisa que eu faço. Kruschen para a frente e nada mais. Digo com sinceridade que me sinto outra. Os intestinos passaram a funcionar como um relógio e as minhas amigas tôdas teem notado a diferença que eu faço. Todos êstes benefícios os devo a Kruschen. A minha pena é não os ter encontrado mais cêdo.» Madame A. M.

Os Sáis Kruschen são uma receita natural para se manter a limpeza interna. Os seis sáis contidos em Kruschen estimulam os órgãos a uma acção suave e regular. O organismo é libertado de tôdas as impurezas que, quando se acumulam, perturbam tôdas as funções do organismo.

Os Sais Kruschen encontram-se à venda em todas as Farmacias e casas da especialidade. Preço do Frasco grande, Escudos 17$00; frasco pequeno, Escudos 10$00.

Mais outra...

—o—

O *vigilante das capoeiras de Cacia* não dá ponto sem nó... O que nos dizem da Curia ácerca dumas contas apresentadas para pagamento do *sermão*, que ninguém lhe encomendou, é qualquer coisa de fantástico! E de vergonhoso para Aveiro. E de intolerável.

Agora começâmos a perceber porque o interessam tanto umas festas na cidade...

O' filho: vai-te despir, que para cá vens de carrinho...

Não arranjas vida, pela certa...

Modista de chapeus

Deve chegar a esta cidade no próximo sabado, afim de expôr os mais *chics* modelos de senhora e criança, para a presente estação, a nossa conterranea sr.ª D. Ana Teixeira da Costa Pimenta, há muito residente no Porto.

A exposição, como de costume, abrirá na Rua Direita, n.º 8, devendo prolongar-se alguns dias.

Este número foi visado pela Censura

O combate à lepra

Olhemos o perigo com atenção e não descuremos de o remediar

A convite da Liga Portuguesa de Profilaxia Social, realisou no Club dos Fenianos, do Porto, uma conferência o sr. dr. Froilano de Melo, ilustre director da Escola Médica de Nova Gôa, professor honorário da Faculdade de Medicina da capital do norte e Chefe dos Serviços de Saúde da India Portuguesa.

Presidiu o sr. dr. Joaquim Pires de Lima, que era ladeado pelos srs. drs. José Pereira Salgado, reitor da Universidade, professor dr. Oliveira Lima, dr. Alberto de Aguiar, dr. Américo Pires de Lima, dr. Uriel Salvador, dr. Adriano Rodrigues, Chefe do Estado Maior, major Daniel de Matos, dr. Gil da Costa e dr.ª D. Leonor da Silva.

O Problema da Lepra foi o assunto versado. Esse problema, disse o sr. dr. Froilano de Melo, ainda não tem tido solução; mas aquilo que no momento actual é preciso que o Governo e o povo saibam está amplamente dito nas conferências que, sôbre ele, se realizaram na Liga. Manda a sua consciência de homem probo e de cientista honesto que afirme que seria para ele motivo de orgulho poder dizer o que disseram os drs. Uriel Salvador, Correia Guimarães e prof. Rocha Brito por uma forma tão convincente e num estilo tão aprimorado. Cita algumas das suas conclusões para poderem servir de base á sua palestra e exclama como o dr. Uriel Salvador: Então o que falta? Por que se espera? E responde: Falta agir! Falta construir a primeira célula onde se abrigue, sob o carinho da nossa bondade, o primeiro leproso.

A assistência aos leprosos é uma obra bendita de Deus. As outras células virão a seguir. Não vos faltará o auxílio nem do povo nem do Govêrno. Porque as bôas obras também espalham o contágio entre os homens de bem, porque as boas obras se impõem ao respeito e à reverência dos bons Governos.

Conta, a seguir, o que fez na India, onde constituiu uma leprosaria do tipo Colónia Agrícola, que é uma das mais belas de Industão.

O seu contacto com os leprosos data de 1916. Após numerosas tentativas de tratamento experimental chegou à conclusão de que a lepra é uma doença curável e não difícil de combater.

Mostra como efectuou o plano da Campanha. Refere-se à *Cruzada contra a Lepra*, que se instituiu depois dum apêlo seu em dia de Natal. Ninguem lhe negou auxílio. Não há coração humano que se não confranja com a miséria de um leproso. E proteger um leproso é protegê-los a nós próprios. O resultado desta Cruzada foi tão colossal que de cerca de 1600 contos até esta data gastos, sòmente uma quarta parte foi dada pelo Govêrno. Tudo o mais é obra popular, é obra de solidariedade humana perante a miséria do próximo.

Com cerca de 80 projecções mostrou ainda o conferente o que é a vida na leprosaria da India Portuguêsa: desde o tratamento até a vida da Colonia, os trabalhos agrícolas e das industrias domésticas, o modo como os leprosos trabalham na cosinha, na alfaiataria, na cria de galinhas etc., procurando ajudarem-se uns aos outros. E pede à Liga que organize em Portugal a *Cruzada Nacional Contra a Lepra*. Do seio das Faculdades deve partir a iniciativa de organizar as comissões locais destinadas a angariar fundos Pedir-se-ia a S. Ex.ª o sr. Presidente da República que fôsse o patrono da Cruzada e a S. Ex.ª o sr. Ministro das Finanças, que pela sua austeridade tanto se impõe à consideração do público, que fôsse o tesoureiro da Cruzada, mesmo para mostrar ao povo que o seu óbulo não seria desviado para qualquer outros fins.

Três conferências regionais nas três Universidades com médicos, autoridades administrativas e homens de bôa vontade nos indicariam os locais onde deveria iniciar-se a campanha. Ninguem pense que os leprosos do Algarve irão ao Minho nem vice-versa. O leproso tem uma psicologia especial que é preciso respeitar, porque aliás a evasão é certa. E o internamento numa leprosaria nunca pode ser o encerramento numa prisão.

A assistência aos leprosos é uma obra de missionários. Para ser levada a cabo é necessário que se dêem as mãos o povo e o Govêrno. Organise-se a *Cruzada Nacional Contra a Lepra* e dentro de 2 anos conta que todos os leprosos terão abrigo e tratamento na metropole portuguêsa.

E termina pelo seguinte caloroso apêlo:

«Mãos à obra, senhores membros da Liga, que a vitória é certa para honra de todos nós, para honra de Portugal!»

João Aleluia

—o—

A *Gazeta de Coimbra* publicou no seu número de 22 do corrente o retrato do saudoso aveirense João Pinho das Neves Aleluia, fazendo-o acompanhar das seguintes e expressivas palavras de saudade:

Fez já um mês que faleceu em Aveiro o nosso prezado amigo João Aleluia. A notícia quasi referida á hora em que o nosso jornal entrava na máquina pouco mais nos permitiu do que o registo da sua morte acompanhado das palavras saüdosas que deviamos á sua memória e que, de momento, acudiram á nossa pena. Prestamos-lhe hoje uma sentida homenagem com a publicação da sua fotografia, recordando saüdosamente a sua existência de excelente cidadão e bom amigo.

João Aleluia, era um grande aveirense porque adorava enternecidamente a sua terra e para o seu desenvolvimento contribuiu, sobretudo com os progressos da cerâmica revelados através da fábrica que honrosamente tem o seu nome.

Educou seus filhos nesse mesmo amor pela sua terra e pela sua arte, legando-lhes um património que muito os enobrece e distingue, sendo os legítimos continuadores da obra dignificante de João Aleluia.

O saüdoso extinto, dotado duma alma de eleição, distribuiu, porém, entre as duas cidades—Aveiro e Coimbra—um dedicado sentimento de carinho.

As duas cidades visinhas encontram-se há muito ligadas por indestrutíveis elos de mutua simpatia.

Resultou essa aproximação não só das belêsas naturais das duas terras, que tão apreciadas são pelos dois povos, mas também da reciprocidade de afectos entre muitos dos seus habitantes.

São repetidas as visitas entre grupos das duas cidades, em excursões, procurando assim mais estreitamente cultivar essa já tradicional simpatia.

Para essa aproximação, para essa acolhedora estima entre os habitantes de Aveiro e Coimbra, muito concorreu João Aleluia com a sua amiga e sempre pronta solicitude na satisfação dos desejos dos visitantes desta terra, que eram a maior parte das vezes os seus hóspedes.

Ainda há pouco a excursão da Escola Livre das Artes de Desenho teve em João Aleluia o melhor e mais decidido acolhimento.

Por isso tinha nesta cidade muitos e sinceros amigos, muitos e dedicados admiradores.

A "Gazeta de Coimbra" com esta simples homenagem quere tão sòmente exaltar a saüdade, o reconhecimento de tantos coimbricenses a João Aleluia pelo carinho sempre entusiástico pela amisade sempre revelada para com aqueles desta cidade que visitavam a sua terra e nele encontravam, pela sua dedicação, pela sua admiração por Coimbra, o melhor e mais dedicado servidor das vontades dos visitantes amigos da linda cidade do Vouga.

Para a sua memória, pois, vão os nossos mais recolhidos sentimentos de pesar pela perda de tão bom amigo.

Notas Mundanas

Aniversários

Fazem anos: âmanhã, o sr. tenente Augusto Natividade e Silva; no dia 28, a interessante Maria Adelaide Trindade Ferreira, filha do sr. Antónto Ferreira; em 29, a menina Ondina Pinto, filha do sr. Licinio Pinto; em 30, o sr. Alfredo Estêves e o escultor Romão Junior, mestre de modelação da Escola Fernando Caldeira e em 1 de novembro, os srs. Carlos Branco de Carvalho e Albano Duarte, residente em Coimbra.

— Também na terça e quarta-feira, respectivamente, passam os aniversários de António Alberto e de Maria Luisa, filhinhos do nosso amigo António da Costa Ferreira, da Agencia Comercial, *desta cidade.*

Os nossos parabens.

Gente Nova

Foi registada, no domingo, a filhinha do sr. José Eduardo de Pinho Varela, empregado na filial dos Grandes Armazeus do Chiado *desta cidade.*

Recebeu o nome de Maria Graciette.

Partidas e Chegadas

A bordo do Moçambique *que na quarta-feira saiu de Lisboa para os portos das Africas Ocidental e Oriental seguiu de novo o nosso amigo dr. Humberto Leitão, médico da Companhia Nacional de Navegação.*

Desejamos-lhe feliz viagem.

—Estêve esta semana em Aveiro o nosso conterrâneo José Rabumba, residente em Matozinhos.

— Também aqui cumprimentámos o sr. Arnaldo Estrêla dos Santos, da Covilhã.

Doentes

Achando-se quási restabelecida, deve regressar brevemente do Caramulo, onde se encontra há mêzes, a sr.ª D. Isabel Mateus Ferreira Wenceslau, esposa do nosso amigo Francisco António Wenceslau, alferes de cavalaria 8.

—Foi há dias operada, encontrando-se quasi restabelecida, a esposa do sr. Jeremias Moreira, comerciante da nossa praça.

—Por ter obtido sensiveis melhoras na praia do Farol aonde esteve com sua filha e genro, acha-se quasi restabelecida a esposa do sr. Manuel Dias dos Sántos, de Requeixo.

Secção desportiva

Foot-Ball

Principiou domingo o campeonato do distrito, organisado pela velha Associação de Foot Ball de Aveiro, que continua a ter a sua séde e secretaria em Ovar, a-pesar da luta que se travou, há mêses, para a trazer para cá. E se nada se conseguiu é porque as *voltas* não foram bem dadas, isto é, não foi o assunto tratado com a diplomacia necessária para se conseguir o que aliás era de justiça—a A. F. A. ficar com a sua séde e secretaria na capital do distrito.

A Divisão de Honra ficou composta, apenas, por seis clubs: *Associação Desportiva Ovarense, Associação Desportiva Sanjoanense, Club dos Galitos, Sporting Club de Espinho, União Desportiva Oliveirense* e *Paços Brandão Sport Club.*

Como se vê ficou de fôra o *Anta,* por insuficiencia de pontos, e o *Beira-Mar* por motivos que mais tarde focaremos e que são o reflexo da orientação que veem dando aos destinos do popular club os seus actuais dirigentes, que continuam de esperanças.

Registaram-se os seguintes resultados:

A. D. Ovarense 1-*Sporting* 1, em Espinho; *A. D. Oliveirense* 4-*Galitos* 2, em Oliveira de Azemeis e *A. D. Sanjoanense* 5-*P. Brandão,* em S. João da Madeira.

* * *

A'manhã devem efectuar-se estes encontros: *Galitos* e *S. C. de Espinho,* no Stadio Municipal desta cidade; *A. D. Oliveirense* e *A. D. Sanjoanense* em Oliveira de Azemeis e *A. D. Ovarense* e *P. Brandão,* em Paços Brandão.

Para terminar lembramos a quem de direito para que a escolha dos respectivos arbitros seja feita com o máximo escrupulo, evitando assim os constantes conflitos em campo e na secretaria, ordinàriamente provocados pelas decisões de quem, por ignorancia ou por facciosismo, dirige os jogos.

A.

Perdeu-se no domingo, um broche antigo de ouro e esmalte com pérola verdadeira, dêsde a Rua Castro Matoso á Estação do C. de Ferro.

Dão-se alvíçaras a quem o entregar naquela rua, n.º 25—1.º

Correspondencias

Costa do Valado, 24

A nossa tuna esteve, domingo, em festa, tendo percorrido o lugar para cumprimentos aos sócios e efectuando, à noite, uma ceia de confraternização, que decorreu animada, assistindo o respectivo regente.

—Veio aqui passar uns dias, poucos, o sr. Aldobrando Leitão, a quem tivemos o prazer de cumprimentar.

—As nortadas do princípio da semana, por serem rijas de mais e agrestes, fizeram bastante mal, como tudo que aparece fóra de tempo.

Paciência.

—Têm continuado as sessões de rádio no Largo dr. António Emílio, apreciadíssimas pelo grande número de pessôas que ali se juntam para ouvir.

Sim, senhor. Béla coisa para quebrar a monotonia das aldeias.

C.

Quinta do Picado, 22

Deixaram de existir ultimamente nêste lugar os srs. Manuel Rafeiro, rapaz novo ainda, mas a quem a doença de há muito torturava com grande desgosto para seus pais, irmãos e amigos, e Albino Azevedo, que na praia da Costa Nova possuía um estabelecimento, sendo muito considerado pela sua irrepreensível conduta.

Sentindo os dois prematuros desenlaces aqui deixâmos às famílias enlutadas os nossos pêsames.

C.

Oliveirinha, 21

Efectuou-se o mercado bi-mensal, que, devido ao tempo sêco, meteu bastante gente, animando as transacções.

De hoje a um mês é a chamada feira de ano, dos cevados. Vamos a vêr o que ela dá.

— Minado pela tuberculose finou-se ontem Manuel António de Carvalho, cuja vida foi um calvário de amarguras devido à sua falta de orientação. Filho de pais abastados, reduziu os à expressão mais simples; sargento do exército, meteu-se em aventuras políticas pelas quais sofreu o exílio, a prisão e por último o vêxame de ser expulso; comerciante, nem por isso foi mais feliz, tendo apenas continuado a cavar a ruína que o levou à miséria. Deixa mulher e uma filha. Hoje enterrou-se civilmente, quási de todo abandonado e talvez sem deixar em casa o suficiente para acudir à alimentação dos seus!

Triste! Doloroso! Uma verdadeira desgraça!

— Na Moita, deu á luz, a semana passada, uma robusta creança do sexo masculino, a esposa do sr. Júlio César Cordeiro da Silva, factor de 2.ª classe na estação de Quintans.

Parabens.

C.

Agradecimento

Victorino Simões Cardoso e esposa, na impossibilidade de agradecerem pessoalmente a todas as pessoas que se interessaram pelas melhoras na marcha da doença que acometeu sua filhinha Maria Adozinda, veem por esta forma patentear, a essas pessoas, a sua gratidão muito profunda.

Aveiro, 24 de Outubro de 1935

Declaração

Ana Diniz Vieira torna público que se não responsabilisa por dividas contraídas por seu marido Manuel Diniz Ferreira.

Oliveirinha, 26 de Outubro de 1935

Ana Regala Alves

Missa do 30.º dia

Seu marido e mais familia participam ás pessoas das suas relações que, no dia 28 do corrente, pelas 10 horas, na Igreja da Misericórdia, será rezada a missa do 30.º dia do falecimento em sufrágio da sua alma, agradecendo antecipadamente a comparência a êste acto religioso,

A sorte grande e a morte

São numerosíssimas as pessoas que de Norte a Sul de Portugal jogam semanalmente na lotária. Seja com uma cautela, com um décimo ou com um bilhete—regularmente, metòdicamente, para a maior parte ou para a totalidade das lotarias que anualmente se realizam—essas pessoas habílitam-se.

E contudo, a grande maioria dêsses jogadores, não tem, certamente, um seguro contra acidentes que é — permita-se-nos o trocadilho—«cautela para uma sorte grande *negativa* que sai com muito maior freqüencia do que se julga: — em 1932 e 1933, morreram, vitimados por acidentes, 2630 e 2989 portuguêses. Só no distrito de Aveiro, em 1933, houve 172 mortes por desastre.

Em face dêstes números ocorre preguntar: Porque será que tanta gente gasta dinheiro em superfluïdades e tão poucos se seguram contra acidentes?

È evidente que o motivo desta incoerência é a tendência que a humanidade tem para esperar o bem que não o mal, para sonhar acordada, para aguardar o maravilhoso cheio de beleza e alegria e não a dôr e a tristeza...

Há, todavia, que encarar os factos tal como êles são e não como desejaríamos que fôssem. E os factos indicam-nos o caminho a seguir, isto é, que com metade daquilo que habitualmente dispendemos em fantasias, podemos fazer um seguro contra acidentes na Companhia de Seguros EUROPÊA, Rua Nova do Almada, 64, 1.º—LISBOA, evitando assim as conseqüências da sorte grande *negativa,* que é a morte por acidente.

Peça informações aos Agentes da *Europêa* nesta cidade, srs. José Sachetti e José Gustavo de Sousa.

Comarca de Aveiro

—o—

1.ª Vara

Divórcio

Por sentença de 27 de Julho do corrente ano, que transitou em julgado, foi decretado o divórcio definitivo entre os conjuges Silverio Marques da Silva, padeiro, morador acidentalmente em Lisboa, mas com a sua residencia em Cacia, e Maria Ferreira, jornaleira, residente em Cacia.

Aveiro, 7 de Outubro de 1935.

O Juiz de Direito

Correia Marques

O Chefe da 2.ª secção da 1.ª Vara,

Julio Homem de Carvalho Cristo

Câmara Municipal de Vagos

Concurso

A Comissão Administrativa da Câmara Municipal de Vagos faz público que se acha aberto concurso por espaço de trinta dias, a contar da última publicação dêste anúncio, para provimento do lugar de amanuense desta Câmara com o vencimento mensal de 599$50.

Os concorrentes deverão apresentar, dentro do referido prazo, na secretaria da Câmara, os seus requerimentos instruidos com os documentos legais.

Vagos, 19 de Outubro de 1935.

O Presidente,

Augusto Bilelo

Prédios

Vende-se o da Rua do Vento n.º 5 A, com loja, 1.º andar e águas furtadas, e bem assim as casas n.º 23 e 24 da mesma rua.

Quem pretender dirija-se a Francisco Rodrigues Torneeiro, em Sá.

CASA

Vende-se uma na Rua de Santo Antonio, n.º 24.

Para tratar no *Rossio Café.*

Vendem-se todas as ferramentas de encadernador assim como tipos, vinhe'as, florões, prensas, cutelos, balcão, etc.

Falar com Joaquim de Oliveira Gamelas, na Rua do Norte, das 14 às 16 horas.

CASA

Vende-se na Rua Direita desta cidade. Bom emprêgo de capital.

Tratar com o mestre de obras sr. Francisco Duarte.

J. A. Correia Bastos

Solicitador

Rua G. F. Pinto Bastos, 3

AVEIRO

Bicicleta

Vende-se, de senhora, barata e com poucos mêses de uso.

Nesta Redacção se informa.

Casa com quintal

Vende-se a de Manuel Luís Carapichoso, na Quinta do Picado, próximo da capela.

Trata-se na mesma casa, com a irmã ou em Aveiro com *Testa & Amadores.*

Padaria

Com alvará em Sangalhos, vende-se ou admite gerente.

Tratar com José Rodrigues Brandão—Amoreira da Gandara.

Marinha

Vende-se na ria de Aveiro a denominada *As Leitoas,* junto à Ilha do Monte Farinha.

Recebe propostas José Maria de Pinho — Estarreja.

Casa na Barra

Com 10 divisões, instalação electrica, quintal, garage e outras dependências, vende-se. Facílita-se o pagamento.

Tratar com Francisco Pinto de Almeida, nesta cidade ou naquela praia.

T. S. F.

Vende-se de ótima marca, estado novo, modêlo 1935.

Para ver e tratar, *stand* da Fábrica Aléluia—Avenida—Aveiro

Comarca de Aveiro

Arrematação e Citação-Edital

2.ª publicação

No dia 27 de Outubro próximo, pelas 12 horas, à porta do Tribunal Judicial desta comarca, e nos autos de execução por custas e sêlos que o Ministério Público move contra António Simões Maio, divorciado, carpinteiro, actualmente em parte incerta do Brasil, por apenso aos autos de acção de divórcio que contra o ora executado moveu sua ex-mulher Conceição dos Santos Balseiro, casada, doméstica, da Quinta do Picado, vai pela primeira vez à praça, para ser arrematado por quem maior lanço oferecer acima da sua avaliação o seguinte prédio pertencente e penhorado ao dito executado:

O direito e acção que o executado tem à duodécima parte duma casa térrea com quintal e pertenças, sita no lugar da Quinta do Picado, freguesia de Aradas, desta comarca, avaliado na quantia de 800$00.

Por êste meio são citados quaisquer credores incertos e Maria de Jesus Balseira, doméstica, casada com Manuel Gonçalves Madail, ausente em parte incerta, para assistirem à arrematação e usarem dos seus direitos, querendo.

Aveiro, 30 de Julho de 1935.

Verifiquei:

O Juiz de Direito da 1.ª Vara,

a) *Correia Marques*

O Chefe da 2.ª Secção da 1.ª Vara.

a) *Júlio Homem de Carvalho Cristo*

Farmácia de serviço

Acha-se âmanhã aberta a *Farmácia da Avenida.* Telefone n.º 165.

Vende-se vidro próprio para montra com 1m,76×0,95; um caixilho de ferro e varões em metal branco e respectivas prateleiras.

Informa-se nesta Redacção.

Grafonola

Com 20 discos, *His Master's Voice,* vende Mário Dias Lima, Avenida Aráujo e Silva—Aveiro.

O Democrata vende-se no *Estanco Flaviense,* Rua dos Mercadores.

A fechar

O professor para o aluno:
—Antoninho: o seu têma sobre—*O nosso cão*—é, palavra por palavra, o mesmo que o do seu irmão.

Olha a admiração. Pois se o cão é o mesmo...

"O Democrata„

ASSINATURAS

(Pagamento adeantado)

Portugal (ano)	20$00
Semestre	10$00
Colonias (ano)	30$00
Estrangeiro (ano)	40$00
Numero avulso	$30

ANUNCIOS

Na 1.ª pagina, linha	1$50
Na 2.ª » »	1$00
Na 3.ª » »	$80

Anuncios permanentes contracto especial.